

AFETIVIDADE E SIGNIFICAÇÃO

Cooperação, entendimento e concordância nos processos de construção de conhecimento em dinâmicas de Intervenção Urbana

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio



Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

Professor adjunto do curso de Licenciatura em Artes-Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
Doutor e Mestre em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia/USP.
Bacharel em Artes Cênicas pela UNICAMP.

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
Professor of Arts at Federal University of Tocantins (UFT).

PhD and MSc in Psychology from Psychology Institute/USP.
Bachelor of Performing Arts at UNICAMP.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise de um processo de interação criativa, no âmbito das Práticas *Site Specific Art* e de *Performance Urbana*, desde a perspectiva do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia, com fins da reflexão sobre as implicações da afetividade para a significação que o artista constrói a respeito da sua própria prática artística. A análise está aqui realizada a partir das dinâmicas de cooperação, entendimento e concordância entre os envolvidos: artistas-proponentes e participantes-fruidores.

Palavras-Chave: Performance Urbana; Construção de Conhecimento; Afetividade; Significação; Processo Criativo.

ABSTRACT

This article presents an analysis of a creative interaction process, within the practical *Site Specific Art* and of *Urban Performance*, from the perspective of Semiotic-Cultural Constructivism in Psychology, being intended to reflect about the implications of the affectivity for the making sense which the artist builds about his own artistic practice. The analysis is realized here as from dynamics of cooperation, understanding and agreement among the stakeholders: artist-proponent and participants-spectators.

Keywords: Urban Performance; Knowledge Construction; Affectivity; Making Sense; Creative Process.

AFETIVIDADE E SIGNIFICAÇÃO

Cooperação, entendimento e concordância nos processos de construção de conhecimento em dinâmicas de Intervenção Urbana

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

Este artigo se situa na fronteira entre as artes cênicas, no âmbito da performatividade e da intervenção urbana, e a psicologia. Apresenta-se neste texto uma análise de relatos de experiência em intervenção artística a partir de uma articulação teórica sobre interação eu-outro e construção de conhecimento, desde a perspectiva Semiótico-Cultural em Psicologia.

A intervenção urbana surgiu no contexto da disciplina *Práticas Site¹ Specific Art e de Performance Urbana*, realizada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e ministrada pelo professor Antônio Carlos de Araújo Silva. A noção de *Site Specific Art* foi abordada na disciplina, prioritariamente, a partir de reflexões a respeito das dimensões pública e privada das intervenções, em uma articulação política, econômica e social, e não em seu estrito aspecto das dimensões físicas e de constituição material dos espaços, o que conduz a compreender, junto com Kwon (2002, s/n), que

O “trabalho” não pretende ser um substantivo / objeto, mas um verbo / processo, provocando a acuidade crítica dos telespectadores (e não apenas física) sobre as condições ideológicas da sua visualização. Neste contexto, a garantia de uma relação específica entre uma obra de arte e seu lugar não é baseado em uma permanência física desse relacionamento (como exigido por Serra, por exemplo), mas sim sobre o reconhecimento de sua impermanência não fixa, para ser experimentado como uma situação irrepetível e fugaz (tradução do editor)².

1 “Site-determined, site-oriented, site-referenced, site-conscious, site-responsive, site-related. These are some new terms that have emerged in recent years among many artists and critics to account for the various permutations of site-specific art in the present. On the one hand, this phenomenon indicates a return of sorts: an attempt to rehabilitate the criticality associated with the anti-idealist, anticommercial site-specific practices of the late 1960s and early 1970s, which incorporated the physical conditions of a particular location as integral to the production, presentation, and reception of art. On the other hand, it signals a desire to *distinguish* current practices from those of the past – to mark a difference from artistic precedents of site specificity whose dominant positivist formulations (the most well-known being Richard Serra’s) are deemed to have reached a point of aesthetic and political exhaustion.” (Kwon, 2002, p. 1).

2 The “work” no longer seeks to be a noun/object but a verb/process, provoking the viewers’ critical (not just physical) acuity regarding the ideological conditions of their viewing. In this context, the guarantee of a specific relationship between an art work and its site is not based on a physical permanence of that relationship (as demanded by Serra, for example) but rather on the recognition of its unfixed impermanence, to be experienced as an unrepeatable and fleeting situation.

Nessa direção, a Intervenção Urbana, cujos relatos estão aqui analisados, buscou estabelecer uma negociação simbólica entre os alunos da disciplina e os frequentadores³ de uma região do centro da cidade de São Paulo, conhecida como “Cracolândia”. Trata-se de um espaço de comercialização e uso de drogas, intensamente povoado, e com alto índice de criminalidade.

A citada análise, por sua vez, está aqui realizada a partir da articulação teórica proposta pela professora Lívia Mathias Simão, no decorrer da disciplina *Interação Verbal e Processos de Construção de Conhecimento*, oferecida no Instituto de Psicologia da mesma universidade. A disciplina foi elaborada a partir da perspectiva teórico-metodológica do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia que,

[...] vem emergindo na psicologia, especialmente desde as duas últimas décadas do século XX, a partir de um amálgama transformativo das idéias de George Hebert Mead (1863 – 1931), Heinz Werner (1980 – 1964), James Mark Baldwin (1981 – 1934), Kurt Lewin (1980 – 1947), Jean Piaget (1896 – 1980), Lev Semenovich Vigotski (1896 – 1934), Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin (1895 – 1975), Pierre Janet (1859 – 1947) e William James (1842 – 1910). (SIMÃO, 2010, p. 19)

Desde esta perspectiva,

[...] a comunicação eu-outro é entendida como um processo bidirecional de socialização, em que cada ator em interação transforma ativamente as mensagens comunicativas recebidas do outro, tentando integrá-las em sua base cognitivo-afetiva a qual, por sua vez, também pode sofrer transformações durante esse processo. (Cf. Valsiner, 1989; Wertsch, 1991). (Simão, 2010, p. 20).

As duas disciplinas foram ministradas no segundo semestre de 2012 e cursadas simultaneamente pelo autor deste trabalho.

METODOLOGIA

O presente artigo se utiliza de método qualitativo de pesquisa, tem o pesquisador como participante e se foca na dimensão afetiva das relações de construção de conhecimento e nos processos de entendimento, concordância e cooperação, no campo

3 Referidos de agora em diante, neste texto, por razões de facilitação da leitura, apenas como frequentadores.

do fazer artístico, tomando o artista/interventor como o sujeito da pesquisa. Em grande medida, o conhecimento de que este artigo trata é o conhecimento sobre a interação criativa.

Participantes

Os participantes da pesquisa foram:

Alunos da disciplina de pós-graduação *Práticas Site Specific Art e de Performance Urbana*, realizada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e ministrada pelo professor Antônio Carlos de Araújo Silva. Ao todo foram 13 participantes, sendo 7 mulheres e 6 homens. Dos 13 participantes, 1 mulher trabalha com dramaturgia – LC; 3 – sendo 2 homens – JC e TO, e 1 mulher – MR, com direção teatral; 1 mulher com dança – LL; 5 como atores, sendo 4 homens – FR, EI, PL, AT e uma mulher – CR; 3 com artes visuais – TR, LN, GB, sendo todas mulheres. Todos os participantes tinham idades superiores a 21 anos.

15 frequentadores da “Cracolândia” que participaram da intervenção, sendo 09 homens – DS, XT, TC, OH, XY, AL, CA, RG, MC, 05 mulheres – AP, TH, EL, MD, M, e 01 travesti JN. Todos os participantes tinham idades superiores a 21 anos.

Instrumento - Estrutura da Intervenção Urbana

Em reunião prévia com os propositores da intervenção, estabeleceu-se que os procedimentos a serem realizados para a ação na “Cracolândia” seriam:

- 1 – O grupo se dividiria em duplas ou trios;
- 2 – Cada participante, alunos da disciplina, deveria levar algo material a ser trocado com os frequentadores. Participantes e frequentadores deveriam, assim, por meio de uma conversa, trocar algo material.
- 3 – Durante as conversas, os participantes tentariam, ainda, obter declarações dos frequentadores sobre saudade e/ou expectativas/desejo e/ou ausência/falta.
- 4 – Após as intervenções, os participantes relatariam para o autor deste artigo as experiências de diálogos construídos entre eles e os frequentadores.
- 5 – Os materiais recebidos dos frequentadores e os relatos levantados seriam trabalhados em forma de presentes a serem distribuídos na Rua Oscar Freire, São Paulo – SP. Trata-se de uma área de comércio de roupas de alto padrão. Essa rua é frequentada,

principalmente, pela alta sociedade paulistana.

Natureza dos Dados

Os trechos analisados neste artigo resultaram da etapa 4 da ação de intervenção urbana em questão. Os relatos anotados pelo autor deste artigo são de 3 naturezas:

- 1 – Anotações de experiência pessoal de troca e diálogo (Diálogo estabelecido pelo autor deste trabalho – JC);
- 2 – Anotações de narrativas direcionadas ao autor deste trabalho para registro à posteriori sobre os diálogos e trocas realizadas (Diálogos estabelecidos por GB e AT).
- 3 – Anotações à posteriori das narrativas realizadas como descrição da experiência durante a roda final de compartilhamento (Diálogo estabelecido por CR).

Tentou-se, nas anotações e transcrição, diferenciar momentos em que os narradores simulavam um diálogo entre as partes envolvidas na troca e as narrativas de cunho mais pessoal. Ainda, na medida do possível, utilizou-se das exatas palavras empregadas pelos participantes durante as narrativas/relatos.

Análise dos Dados

Os dados foram subdivididos em 3 grupos e posteriormente analisados a partir do referencial teórico do Construtivismo Semiótico-Cultural em Psicologia:

- 1 – Discussões a respeito das dimensões da afetividade nos processos de construção de conhecimento e significação no âmbito da interação performativa;
- 2 – Levantamento de questões a respeito do entendimento, da compreensão e da concordância sobre os objetos contextuais inerentes à interação;
- 3- Ampliação das discussões sobre os significados afetivo-cognitivos da interação enquanto tal para os participantes.

RESULTADOS

Foram encontradas nos relatos diversas passagens que evidenciaram a importância da afetividade para o entendimento, significação e valoração da experiência de Intervenção Urbana. Em alguns casos, os dados afetivos estiveram associados à significação da experiência pelos participantes (relatos 1 e 2). A partir do foco deste texto, e considerando-se que *a influência das emoções sobre o diálogo é um tópico importante em si mesmo*⁴ (Foppa, 1995, p. 162), tomam-se, com fins da ilustração e da problematização desta perspectiva, dois trechos dos relatos para análise:

Relato 1 – Trecho do diálogo estabelecido pela participante GB com as frequentadoras EL e JN.

- 01 - A JN se emocionou também. E aí é claro que eu fiquei emocionada também. Nós três estávamos emocionadas. Então elas começaram a perguntar pra mim:
02 - “Você tá chorando? Você tá meio assim... Você tá chorando?”
[...]
03 - Eu dei as flores e disse:
04 - “Cuide dessas flores como se fossem suas filhas.”
05 - Foi mais ou menos assim. Eu..., acho que não deveria ter dito assim.

Relato 2 – Trecho de diálogo estabelecido pela participante CR e uma desconhecida (a participante não declarou seu nome e será nomeada aqui como M).

- 06 - Quando eu cheguei, pensei:
07 - “Não estou com o “modelito” para frequentar a Cracolândia. Em outras condições eu não me sentiria tão invadida como hoje.”
08- Eu ofereci um desodorante. Uma coisa que poderia ser útil aqui.
09- A mulher me ofereceu Crack.
10 - Eu recusei.
11 - Então ela começou a tirar a roupa.
12 - Eu disse que não precisava ser aquilo. Que não precisava ser a roupa. E ela me deu várias pedras (de Crack).
13 - Eu peguei uma..., bem pequenininha, e devolvi as outras.
14 - M – Para onde você vai levar as pedras?
15 - CR – Para um grupo de estudos.
16 - M – Mas vocês vão fumar?
17 - CR – Não.
18 - M – Ué! Vão estudar e não vão fumar?
19 - CR – É! Não! (após essa fala CR ri e fala: “Aí eu fiquei meio assim; é a gente vai estudar e não vai fumar.” O grupo como um

4 the influencia of emotions on dialogue is an important topic in itself (Foppa, 1995, p. 162). Traduzido pelo editor.

todo ri com essa colocação).
20 - Aí chegou um cara e disse:
21 - Já trocou o que tinha que trocar; agora vai embora. (CR relata ao grupo que saiu porque entendeu que o terreno ali era dele).

Os relatos acima transcritos (relato 1 – falas de 01 a 05; relato 2 – falas de 06 a 21) exemplificam, reiterativamente, situações em que a experiência parece ser afetivamente significativa para os participantes. São, entretanto, duas naturezas diversas de experiência:

O relato 1 apresenta uma ação da própria participante recusada por ela (Fala 05), e uma ação direcionada a ela em relação ao envolvimento afetivo dela frente à situação (Falas 01 e 02);

O relato 2 apresenta uma inquietação da participante frente ao questionamento feito pela frequentadora (Fala 19), bem como a ação de um terceiro sobre a interação, implicando, inclusive, no encerramento da mesma (Fala 21);

A apresentação e as negociações de sentido sobre o objeto *crack*, como descrito no relato 02, mostram-se, ainda, pertinentes para a discussão referente ao mútuo entendimento e à compreensão, bem como para reflexões a respeito da concordância nas interações dialógicas (Foppa, 1995). Neste caso específico, o objeto negociado apresenta uma relação de exterioridade em relação aos interatores; entretanto, no relato a seguir, o valor simbólico é atribuído a uma parte do frequentador como objeto para troca.

Relato 3 – Trecho de diálogo estabelecido pelo participante AT e o frequentador XT.

22 - XT – “Me dá isso aí.” (referindo-se ao que AT tinha para trocar)
23 - AT – “Eu não posso te dar. A gente tem que trocar.”
24 - XT – “Serve meus fios de cabelo?”
25 - E ele começou a tirar. Eu não entendi na hora. Fiquei olhando.
26 - Aí um outro (frequentador) disse que o trabalho era coisa séria e que tinha que dar algo de verdade e ofereceu um isqueiro.
27 - AT – “Então faz assim: eu pego as duas coisas e vocês dividem.”
28 - XT – Eu não quero dividir nada.
29 - Ele me fez devolver os fios de cabelo. Aí eu devolvi os fios de cabelo.

Neste trecho de relato encontramos ilustrações/explicitações de dinâmicas de cooperação e de processos de simbolização de si mesmo, ou, se preferirmos, de parte de si mesmo, como tentativa de instauração da interação. Os fios de cabelo tornaram-

se objetos para troca, pensando-se na necessária cooperação para que houvesse a interação, a partir do frequentador, e, possivelmente, para AT, como indica a fala 25, a ação de arrancar os cabelos representou a alteridade inerente a toda interação dialógica. Ou seja, o diálogo entre AT e XT evidencia a inerência da cooperação e da alteridade, como pode ser visto mais detalhadamente nas discussões, para a constituição da interação efetiva. Tomar a interação de Intervenção Urbana como dialógica

É, em primeiro lugar, tomá-la como uma relação entre elementos constituintes, inseparáveis, que são não só as pessoas envolvidas (as partes), mas também a relação da fala [e da ação]⁵ com quem falou, para quem e para quê (no sentido das expectativas e valores que norteiam a ação simbólica). (Simão, 2004, p. 32).

Entre os resultados, com base no foco deste trabalho, ainda pode ser considerada a inversão da relação entre artista/participante-fruidor/frequentador, a partir do relato transcrito a seguir, em que o autor deste trabalho sofre a intervenção de um frequentador, reorganizando para o propositor (autor deste texto) a significação afetivo-cognitiva a respeito de sua participação na Intervenção Urbana.

Relato 4 – Trecho de anotações do autor desse trabalho (JC) sobre a interação com um desconhecido (DS)

30 - Enquanto anotava, de cócoras e em um pequeno caderno, a conversa entre TH (frequentadora) e LC (participante), fui abordado sutilmente por um homem bastante sorridente. Ele me ofereceu uma prancheta. Mas como eu não tinha ido para trocar, apenas para anotar as experiências e relatos, não tinha nada para oferecer.

31 - JC – “Mas eu não tenho nada para trocar com você?”

32 - DS – “Não. Não precisa. Mas vai ficar melhor para você. Tá melhor?”

33 - JC – “Tá sim, obrigado.”

34 - Ele saiu sorrindo.

Em resumo, os resultados apontam para a dimensão da afetividade no agir simbólico e da significação afetivo-cognitiva dos objetos da interação e da interação em si mesma, para a cooperação, entendimento e concordância nos processos de

5 Acréscimo nosso.

interação e construção de conhecimento no âmbito da criação artística, tomando o artista/propositor/participante como sujeito de interesse desta pesquisa.

DISCUSSÃO

A Dimensão da Afetividade na Significação da Experiência de Intervenção Urbana

A experiência de intervenção urbana (“Cracolândia”) representa um conjunto de ações simbólicas pré-ordenadas, mas que, como não poderia deixar de ser, lida, a todo momento, com a imprevisibilidade e com um grupo de aspectos que escapam à essa pré-ordenação. Agir aqui está entendido como

[...] uma atividade dirigida a objetivos, realizada dentro de um ambiente específico, e utilizando um certo número de técnicas instrumentais que permitem que o ator preencha a lacuna entre a intenção inicial e a realização concreta de seu objetivo. Intenção (ou formação do objetivo), procedimento (ou ação instrumental), o objetivo-realização (ou consumo do objetivo), e inserção situacional são, portanto, os quatro constituintes de uma unidade de ação (Boesch, 1991, p. 43)⁶.

Segundo Boesch (1991) as escolhas, conscientes ou não, que se faz no percurso das ações simbólicas, estão implicadas pelo caráter afetivo-emocional dos atores. Nesse sentido, os relatos 1 e 2 acima transcritos evidenciam aspectos não previstos pelos participantes para a realização da ação proposta (alteridade) e explicitam com isso a dimensão da afetividade na significação da experiência de Intervenção Urbana tomada aqui como base para as discussões, e, portanto, para a construção de conhecimento do que vem a ser a própria intervenção. As constatações afetivo-emocionais presentes nesses dois relatos (Falas 01, 02, 05, 07, 19 e 21) representam modos de avaliação tácita e pré-reflexiva das próprias ações dos participantes (Boesch, 1991; Simão, 2010). No caso específico de GB, a participante chega a indicar tal avaliação: *“Foi mais ou menos assim. Eu..., acho que não deveria ter dito assim.”*

6 [...] a goal-directed activity, carried out within a specific environment, and utilizing a certain number of instrumental techniques which allow the actor to bridge the gap between the initial intention and the concrete realization of the goal. Intention (or *goal formation*), procedure (or *instrumental action*), goal-achievement (or *goal consumption*), and *situative embeddedness* are thus the four constituents of a unit of action (Boesch, 1991, p. 43). Traduzido pelo editor.

GB nas falas 1 e 2 descreve uma inquietação gerada pelo envolvimento afetivo-emocional da participante em relação aos relatos das frequentadoras. Assim, a ação que inicialmente pretendia-se direcionada da participante para as frequentadoras, reorganiza-se e confere outra disposição das posições relativas de cada uma na interação, construindo, possivelmente, novas possibilidades de futuridade e de significação da experiência para as três envolvidas. Chorar em frente às frequentadoras pode ser tomado como uma ação não-intencional, em sentido prévio, que evidencia a importância da dimensão afetiva para a participante em relação à intervenção.

[...] as relações eu-outro ocorrem em um campo de negociações de sentidos, onde estão em jogo motivos, expectativas, bem como a própria compreensão interpretativa dos sujeitos em interação quanto às suas posições relativas no curso da mesma. Configura-se, assim, um campo dialógico onde a permanente tensão pode ser reconstrutiva da relação, em um episódio com unidade e sentido, ou não, desde o ponto de vista dos envolvidos (Simão, 2010, p. 80).

Desde esta perspectiva, podemos tomar as falas 06 e 07 de CR como ilustrativas da importância dos afetos para a significação da experiência artística em questão. O verbo utilizado por ela para expressar a sensação gerada inicialmente no ato da intervenção foi *invadir (sentir-se invadida)*. Há, por assim dizer, uma reorganização dos potenciais de ação de CR, a partir da adequação ou inadequação sócio-cultural do evento, da intervenção (BOESCH, 1991), já que parte do significado que se atribui à experiência, segundo Gadamer (2008), deriva das escolhas das palavras por meio das quais a experiência se traduz à linguagem. Há elementos estáveis específicos na “Cracolândia”, como o alto índice de criminalidade e o estado de consciência dos frequentadores, que estão para o reconhecimento de CR, em relação aos outros que a cercam na intervenção e para a qual, em primeira instância, a intervenção se destina, que estabelecem os limites e as possibilidades da interação. CR se vê, assim, obrigada a reorganizar as suas suposições a respeito da intervenção naquele espaço específico, optando, por exemplo, por ficar em uma região da “Cracolândia” que se lhe parecesse mais segura. Esses aspectos de reconstrução e reorganização das suposições em relação à interação, segundo Linell (1995), são parte da impossibilidade de compreensão absoluta dos objetos e interlocutores envolvidos nas dinâmicas interativas. O que se pretende evidenciar aqui, é que não se trata apenas de uma percepção racional-objetiva dos fatos, do contexto,

senão que a dimensão emocional-subjetiva está igualmente vinculada aos processos de construção de conhecimento.

Entende-se aqui por conhecimento não apenas os aspectos de informação a respeito do que é tematizado como conteúdo do diálogo, mas principalmente a significação cognitiva-afetiva que os atores fazem, a partir do diálogo, com respeito à realidade, compreendida como versão pessoal datada e culturalmente contextualizada, onde habitam os objetos significativos, os outros, o si mesmo e a própria relação eu-outro de cada interlocutor (Simão, 2004, p. 30-31).

Os frequentadores, em certo sentido, não deixam de se constituir para CR como objetos simbólicos a partir dos quais e para os quais a participante compõe e direciona sua ação. Nesse sentido, toda a experiência de Intervenção Urbana organiza-se para CR como uma experiência fundamentalmente acional.

Desde então, a fala 07 de CR evidencia que

[...] seu potencial de ação fundamental pode expressar-se em auto-avaliações bastante inespecíficas e antecipações de ação: hoje se sente forte e confiante o suficiente para “mover montanhas”, enquanto amanhã uma “sensação” de que o esforço individual será condenado ao fracasso (Boesch, 1991, p. 108)⁷.

O Outro, como na fala 21 de CR, claramente exerce papel primordial na percepção do Eu em relação ao seu potencial de ação. A percepção de CR, de que o “*terreno ali era dele*” é ilustrativa das possibilidades de encaixe e desencaixe inerentes às interações eu-outro. Não que CR precisasse, necessariamente, atender à ordem direcionada a ela: “*Já trocou o que tinha que trocar; agora vai embora.*” Entretanto, o ambiente é certamente um encorajador ou desencorajador das ações simbólicas do Eu; ele sugere determinadas formas de organização da unidade de ação (Boesch, 1991), além, é claro, da própria posição social do frequentador no contexto específico da “Cracolândia”.

A significação que se faz da “Cracolândia” e da ação direcionada pelo frequentador à CR não é auto-referida, mas se constitui, em grande medida, na relação afetivo-cognitiva que CR estabelece entre este espaço (“Cracolândia”) e os outros a que ela tem acesso e entre este frequentador em específico e os outros com as quais ela esteve

7 [...] one’s fundamental action potential can express itself in quite unspecific self-assessments and action anticipations: today one feels strong and confident enough to “move mountains”, while tomorrow one “senses” that one’s every effort will be doomed to failure (Boesch, 1991, p. 108). Traduzido pelo editor.

convivendo ainda que em tempo curto e determinado (Rommtveit, 1979).

Dinâmicas de Cooperação, Entendimento e Concordância – negociações de sentido sobre os objetos (da) e sobre a ação interativa

Vale ressaltar, todavia, para a análise que aqui vem se construindo, que as expectativas em relação ao espaço e aos seus frequentadores, no caso da “Cracolândia”, advêm de um saber sobre anterior à Intervenção propriamente dita, quer seja por notícias veiculadas pela imprensa, quer seja pelas conversas informais comuns na cidade de São Paulo sobre o espaço, dada sua localidade e os conflitos político-sociais aos quais a situação dos frequentadores está associada.

O princípio adaptativo das intenções discursivas e acionais coloca à participante CR, e também à participante GB, a necessidade de seleção do universo simbólico afetivo-racional a partir do qual ela opera a sua relação com o todo da Intervenção Urbana. O estado de tensão gerado pelas relações presentes obriga CR a reorganizar seus desejos e expectativas em relação à futuridade da Intervenção, levando-a a, inclusive, dar a ação por concluída, quando da intervenção de um terceiro em relação a si, mas também em relação à proposição artística propriamente dita (Fala 21): “*Já trocou o que tinha que trocar...*”

Nesse sentido, pode-se considerar que há um conhecimento cultural que baliza, nos termos de Valsiner, as possibilidades de ação simbólica de CR em relação ao seu segundo interlocutor. Esse conhecimento cultural está implicado na interpretação que CR faz da fala direcionada a ela, e a conduz, de certo modo, à tomada de decisão pelo encerramento da ação.

Pelo termo “conhecimento cultural”, eu me refiro a dois tipos de conhecimento. O primeiro é o conhecimento de fundo internalizado de tipos de atividade (Levison, 1979; Gumperz, 1982)⁸.

[...]

O segundo tipo de conhecimento se refere à capacidade de perceber e reconhecer o significado de pistas de contextualização relevantes e controlar os princípios que regem a sua implantação seqüencial na conversa (Gumperz, 1995)⁹.

Entre tantos outros aspectos, um primordial não se estabelece entre CR e seu

8 By the term ‘cultural knowledge’ I refer to two types of knowledge. First is the internalized background knowledge of activity types (Levison, 1979; Gumperz, 1982). Traduzido pelo editor.

9 [...] The second type of knowledge refers to the ability to perceive and recognize the significance of relevant contextualization cues and to control the principles that govern their sequential deployment in talk (Gumperz, 1995). Traduzido pelo editor.

segundo interlocutor: *cooperação*, apresentada por Gumperz (1995) como imprescindível para o estabelecimento das interações Eu-Outro. Em um contexto oposto, tanto a ação de arrancar os fios de cabelo para a troca (Falas 22 a 29), quanto oferecer as pedras de *Crack* (Falas 12 a 19), podem ser tidas como ações de cooperação. Todavia, parece que XT não reconhece, em um segundo momento, na ação e no discurso de AT, a mesma disponibilidade para a cooperação (Falas 28 e 29), e, portanto, retira-se da interação. Ainda que as duas partes, AT e XT, pudessem se reconhecer inicialmente como desejosos pela cooperação, a tomada de decisão de AT, que tinha por objetivo incluir um terceiro na interação (Falas 26 e 27), não atendeu a uma demanda de XT. Ou seja, a cooperação a que almejava AT, tornar possível a troca pela Intervenção Urbana com os dois interessados, não atendia às expectativas de XT para com a interação. Colaboração, portanto, parece exigir não só o desejo por colaborar, mas também a habilidade para colaborar em certo direcionamento da própria interação de modo que atenda minimamente às expectativas dos envolvidos.

Vale ressaltar que AT, como combinado anteriormente entre todos os participantes, não explicitou em momento algum que se referia a uma ação artística. Sendo assim, para XT tratava-se apenas de uma troca material entre duas pessoas. Nesse sentido, as intenções iniciais de ambos em relação à interação eram de naturezas diferentes. Segundo Gumperz (1995), o entendimento que os participantes têm sobre a natureza da interação afeta significativamente seus modos de organizar e conduzir a própria interação. Ou seja, o (des)entendimento do que seria a cooperação de um em relação ao outro, esteve, também, possivelmente, associado a essa discrepância de objetivos iniciais em relação à natureza da interação, da troca.

No caso específico da pedra de *crack*, a mutualidade da cooperação aparece desde o princípio entre CR e M (Falas 9, 11, 12 e 13). Entretanto, parece haver entre a participante e a frequentadora uma diferente compreensão em relação ao objeto da interação (as pedras de *Crack*), ainda que haja a permanência da concordância entre elas. Pela fala de M, esta infere que o que se estudaria no *grupo de estudos* (Fala 15) seria a pedra de *Crack*, enquanto que CR estava consciente de que o estudo se referia à Intervenção Urbana em si. Entretanto, a não-coincidência entre o entendimento que CR e M constroem sobre a ação e seus objetos não impede que a cooperação se mantenha e que haja a concordância de que algo ali “merece/pode” ser estudado.

A impossibilidade de coincidência de entendimento sobre os objetos da Intervenção e a ação que recai sobre eles, mais uma vez, está como que impossibilitada pelo fato

de que os participantes não revelaram para os frequentadores a verdadeira natureza da ação. Nesse sentido, sem o verdadeiro entendimento da natureza da interação e, portanto, de seu conteúdo, não há, neste caso, possibilidade de concordância genuína (Foppa, 1995) sobre o que se faria com o objeto *crack*.

A diferença entre a compreensão e acordo pode ser atribuído ao fato de que o primeiro é mais instrumental e o último é mais um sabor social. Em outras palavras, embora o entendimento pareça se basear no estabelecimento da correspondência entre o falante e o significado do ouvinte (referencial ou outro), o acordo pode ser devido a não mais do que a correspondência da superfície lingüística dos enunciados dos oradores (Foppa, 1995, p. 153)¹⁰.

Na interação entre AT e XT, para além do entendimento do que vem a ser a ação de troca em si mesma, houve, ainda, uma negociação do valor simbólico que os fios de cabelo assumiam para a troca (Falas 24, 25, 26 e 29). O inicial estranhamento de AT (Fala 25), se se mantivesse ao longo da interação, certamente impossibilitaria qualquer nível de cooperação entre os dois, ou mesmo, nos termos de Boesch (1991), coordenação intersubjetiva. Entretanto, nas palavras de Simão (2010), a partir de Boesch, deve-se considerar

[...] a própria relação sujeito-objeto como uma característica dos objetos. Essa característica nasce, ela mesma, da relação sujeito-objeto, de modo que os objetos só existem simbolicamente e no contexto de dada relação sujeito-objeto. Nesse sentido, o sujeito boeschiano é um construtor simbolizador, dando existência simbólica aos objetos, ao relacionar-se com eles. (p. 70).

Contudo, o contexto da Intervenção Urbana, desde essa perspectiva, possibilitou a AT o entendimento da ação de arrancar fios, já que o torna capaz de ancorar a ação no campo cultural como um todo e validar a iniciativa de XT, o que pode ser percebido no final da interação quando ao ser solicitado por XT, AT devolve os fios de cabelo para aquele (Fala 29). A ação de arrancar os fios de cabelo recai sobre a dimensão da reciprocidade da interação, necessária à possibilidade de cooperação genuína. Deve-

10 The difference between understanding and agreement may be due to the fact that the former has a more *instrumental* and the latter a more *social* flavour. In other words, while *understanding* seems to be based on the establishment of the correspondence between the speaker's and the listener's meaning (referential or other), *agreement* can be due to no more than the correspondence of the linguistic surface of the speaker's utterances (Foppa, 1995, p. 153). Traduzido pelo editor.

se atentar, ainda, para o fato de que *todo o entendimento está no situado e específico da atividade, o que significa que está sujeito a premissas, propósitos e racionalidades ligadas a situações e atividades sociais (Linell, 1995, p. 181)*¹¹. Na esteira desse pensamento, pode-se compreender que toda cooperação, também no fazer artístico, pressupõe o compartilhamento.

Reorganização das Posições Subjetivas na Interação e suas Implicações para a Significação da Experiência de Intervenção Urbana

Se a cooperação necessária à instauração de uma ação tão específica em artes pressupõe um nível mínimo de compartilhamento, o compartilhamento, por sua vez, pressupõe a assimetria entre os interatores. No caso específico da ação que aqui se analisa, deve-se considerar, pelo menos, um aspecto que favorece essa assimetria: apenas os participantes sabiam a verdadeira natureza da ação. Entretanto, há no convívio momentâneo com os frequentadores a constante possibilidade para os participantes do rompimento de certa harmonia cooperativa para a realização das trocas, o que poderia levar, inclusive, a agressões por parte dos frequentadores, como pode ser observado nas falas 07 e 21.

Necessariamente esta constante tensão surge de uma gama de conhecimentos compartilhados entre participantes e frequentadores, ainda que significados de modos bastante diversos entre eles, que possibilitam determinadas formas de interação, de cooperação, e impossibilitam outras. Desde então, os participantes certamente constroem expectativas em relação aos frequentadores, que, em certo sentido, também direcionam os percursos da interação. Como afirma Linell (1995, p. 179), *"conhecimento compartilhado" e "entendimento compartilhado" simplesmente se referem às quantidades de conhecimento que são ou se tornam comuns a interlocutores, em parte como resultado do próprio processo comunicativo*¹².

Há um terceiro fato gerado pela tensão presente na periculosidade contextual que pode subverter a relação dos propositores com a experiência artística; no contexto desta Intervenção Urbana, o artista ele mesmo deixa de ter controle majoritário sobre a situação e passa também a sofrer a ação da própria interação, estando, mais ou

11 *all understanding is situated and activity-specific, which means that it is subject to premises, purposes and rationalities tied to social activities and situations (Linell, 1995, p. 181). Traduzido pelo editor*

12 *"shared knowledge" and "shared understand" simply refer to the amounts of knowledge that are or become common to interlocutors, partly as a result of the communicative process itself." Traduzido pelo editor.*

menos, à deriva no processo de instauração do contexto interativo em si.

Assim, o próprio entendimento que o artista-propositor faz sobre a Intervenção se constrói na medida em que ele lida com aquilo que escapa à concepção inicial para a ação. O relato de JC. (Falas 30 a 34), por exemplo, explicita claramente uma dinâmica em que, pela afetividade, subverte-se a relação de propositor para o participante e esse passa a ocupar o lugar pensado para o frequentador. A troca realizada esteve, ao que parece, para o frequentador, associada à ação em si de aceitar, por parte do participante, o objeto oferecido pelo frequentador. O prazer de poder colaborar possibilitado pela ação simbólica do participante JC ocupou o lugar do objeto a ser oferecido para o frequentador DS em troca da prancheta (Falas 31 e 32). A satisfação de DS em relação à interação pode ser observada no momento em que ele se distancia de JC: *"Ele saiu sorrindo"*. Vale ressaltar que outras trocas já haviam sido realizadas anteriormente ao momento em que ocorre o contato entre DS e JC. Portanto, a cooperação de DS pode ser entendida, antes de mais nada, como um cooperação para que o todo da ação se ampliasse, enquanto que a cooperação por parte de JC esteve associada à possibilidade de se incluir DS na dinâmica que estava se instaurando no espaço da "Cracolândia".

A potencialidade da ação (Boesch, 1991) de Intervenção pode, assim, ser entendida por JC como algo que, para além das ações direcionadas por parte dos participantes, estava se difundindo momentânea e contextualmente nas ações dos outros frequentadores. Pode-se perceber a mesma ampliação "viral" da Intervenção Urbana quando AT esteve interagindo com XT e um terceiro declarou (Fala 26) que: *"(...) o trabalho era coisa séria e que tinha que dar algo de verdade e ofereceu um isqueiro."*

Considere-se que

Compreender um enunciado não é uma questão de decodificação de signos (encontrar seus meios linguísticos supostamente inerentes), mas implica conectar alguma coisa (o enunciado a ser compreendido) com um contexto, isso é exterior, na qual, por definição, vai além da fala em si (Linell, 1995, p.178)¹³.

Evidentemente não se pretende aqui afirmar que a Intervenção Urbana, como a generalidade das interações, possui um entendimento correto ou pleno em um sentido determinado. Ao contrário, se se considera, por exemplo, a dimensão afetiva para a

13 *Understanding an utterance* is not a matter of decoding signs (finding out their allegedly inherent linguistic means), but *implies connecting* something (the utterance that has to be understood) *with a context*, i.e. an outside, which, by definition, goes beyond the utterance itself (LINELL, 1995, p. 178). Traduzido pelo editor.

significação da experiência artística em questão, compreende-se que o entendimento será sempre parcial e fragmentado (Rommetveit, 1985), e que, o trânsito por diferentes posições subjetivas no decorrer da experiência podem reorganizar, a todo momento, o entendimento a respeito da Intervenção. Nesse sentido, toda interação, quanto mais *specific for*, em seus aspectos temporais, sociais e políticos – artísticos, será tão mais intensamente alusiva e incompleta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apresentadas anteriormente evidenciaram que toda experimentação que se tem em relação aos objetos simbólicos sempre corresponde a duas instâncias: Objetivo-Racional e a Subjetivo-Funcional (Boesch, 1991; Simão, 2002, 2010). Portanto, analisar as ações da Intervenção Urbana, e, também, a interação discursiva tida como ação, implicou em considerar o Eu como agente, como objeto e em suas relações afetivo-cognitivas com os Outros, sejam esses outros pessoas, si mesmo em outro contexto, objetos reais ou imaginários.

Ou seja, intervir artisticamente no espaço de convívio dos frequentadores significou possibilitar aos participantes certa reorganização afetivo-cognitiva sobre o contexto da “Cracolândia”, bem como sobre os limites e possibilidades de ações artísticas como a que naquele momento se propunha, além, é claro, de obrigar os participantes a refletirem sobre seus próprios campos potenciais de ação, nos termos de Boesch (1991).

O processo de Intervenção Urbana, como a generalidade das interações dialógicas, tornou-se possível na medida em que os participantes e os frequentadores estiveram disponíveis para cooperar uns com os outros. Tal fato revela um nível mínimo de compartilhamento entre os interatores, seja a partir de determinada concordância sobre o entendimento do que venha a ser o contexto da “Cracolândia”, seja a partir da satisfação de demandas pessoais (afetivas ou não) quanto à iniciativa de se estabelecer contato para as trocas.

O Entendimento foi suposto como um processo que atende, segundo Linell (1995), a alguns princípios básicos: a dimensão afetiva é tão importante quanto a dimensão cognitiva para o entendimento; pressupõe-se que toda ação seja direcionada a um outro e que se espera desse outro uma resposta; o contexto da interação se constrói no próprio fazer da interação; todos os sujeitos envolvidos devem desejar

e trabalhar para o estabelecimento de um entendimento mútuo; entender e fazer-se entendido configura-se como uma meta para todos os interatores, mas não se deve pensar em um entendimento “correto” e/ou “pleno”; o entendimento é sempre orientado contextualmente; as demandas por entendimento variam de acordo com as circunstâncias da interação; entender significa adentrar um processo multifacetado.

Pelo o que aqui se apresentou, ousa-se considerar, por hora, que está na especificidade contextual do entendimento e do envolvimento afetivo dos frequentadores, mas também, e em grande medida, dos participantes, a categoria de *specific-art* da Intervenção, nos termos apresentados na introdução deste artigo. Nesse sentido, a intencionalidade, talvez, garanta à ação seu caráter artístico, mas esta é uma questão a ser tratada em outro contexto.

REFERÊNCIAS

BOESCH, E.. *Symbolic Action Theory and Cultural Psychology*. Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 1991.

FOPPA, K. (1995). *On Mutual Understanding and Agreement in Dialogue*. Em: I. Marková, C. Graumann e K. Foppa (Orgs.), *Mutualities in Dialogue*, Cambridge University Press, p. 149-175.

GADAMER, H. G.. *Verdade e Método I – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2008.

GUMPERZ, J. J.. *Discourse Strategies*. New York: Cambridge University Press, 1982.

_____ (1995). *Mutual Inferencing in Conversation*. Em: I. Marková, C. Graumann e K. Foppa (Orgs.), *Mutualities in Dialogue*, Cambridge University Press, p. 101-123.

KWON, M.. *One Place After Another – site-specific art and locational identity*. Cambridge,

Massachusetts; London, England: Massachusetts Institute of Technology, 2002.

LEVISON, S. C.. Activity Types and Language. *Linguistic*, 17, p. 356-399, 1979.

LINELL, P. (1995). *Troubles with Mutualities: towards a dialogical theory of misunderstanding and miscommunication*. Em: I. Marková, C. Graumann e K. Foppa (Orgs.), *Mutualities in Dialogue*, Cambridge University Press, pp.

ROMMETVEIT, R. (1979). *On the Architecture of Intersubjectivity*. Em: R. Rommetveit e R. M. Blakar, *Studies of Language. Thought and Verbal Communication*. London: Academic Press, p. 93-107.

_____ (1985). On the Role of “a Psychology of the Second Person”, in *Studies of Meaning, Language an Mind, Culture and Activity*, 10 (3), p. 205-218.

SIMÃO, L. M. (2004). *Alteridade no Diálogo e Construção de Conhecimento*. Em: L. M. Simão; A. M. Martínez (Orgs.). *O Outro no Desenvolvimento Humano – diálogos para a pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, p. 29-39.

_____ *Ensaaios Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

VALSINER, J.. *Human Development and Culture*. Lexington, MA: Lexington Books, 1989.

WERTSCH, J. V.. *Voices of Collective Remembering*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1991.